

A COMPLEXA E INACABADA NATUREZA DO ATO DE LER¹

THE COMPLEX AND UNFINISHED NATURE OF THE ACT OF READING

Adriana Pastorello Buim Arena²

RESUMO: O objetivo deste ensaio é o de colocar em discussão o movimento do pensamento humano nos processos de ler e de escrever, suas implicações em relação ao homem em processo de transformação, e os próprios suportes de escrita por ele criados. Outro propósito é o de discutir a natureza, complexa e inacabada, de duas grandes redes, a neurológica e a linguística, que formam o leitor e o autor de discursos. O movimento dialético entre a aparência e a essência dos fenômenos analisados neste ensaio poderá sugerir alternativas metodológicas para o ensino da leitura e da escrita. O estudo, de natureza bibliográfica, baseia-se em Richaudeau e Bakhtin. No processo de leitura, aparentemente linear e estável, podem ser encontradas situações vinculadas à instabilidade dos modos de ler e aos suportes de leitura, que são ininterruptamente reconstruídos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura na tela. Leitura no impresso. Alfabetização. Modos de ler.

ABSTRACT: The purpose of this essay is to put in discussion the movement of human thought processes of reading and writing, its implications in relation to man in the transformation process, and the actual media written by him created. Another purpose is to discuss the unfinished and complex nature of two large networks, neurological and linguistics, which form the reader and the writer of speeches. The dialectical movement between appearance and essence of the phenomena analyzed in this paper may suggest alternative methodology for teaching reading and writing. The study consists of a literature review based on Richaudeau and Bakhtin. In the reading process, apparently linear and stable, can be found situations linked to the instability of reading modes and there reading the supports, which are continuously reconstructed.

KEYWORDS: Reading in the screen. Reading in the print. Literacy. Modes of reading.

¹ Esta pesquisa obteve auxílio financeiro do CNPq/Edital Ciências Humanas. Uma versão deste texto foi apresentada na 35ª Reunial Anual da Anped em 2012.

² Doutora em educação. Professora do Programa de Pós-Graduação e da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: dricapastorello@gmail.com

Introdução

A história do ensino ocidental, de tradição religiosa e de tradição científico-positivista, poderia explicar o motivo pelo qual tantas pessoas intepretam o surgimento do homem como algo mágico e divino, ou como uma alteração repentina no cérebro de uma dada espécie. Ao longo de toda experiência que o Brasil passou desde sua colonização, os manuais de ensino sofreram, nos dois últimos séculos, a influência do método positivista de pesquisa e, conseqüentemente, de ensino. Os temas estudados, na maioria das vezes, em vez de priorizar o processo de construção do objeto de estudo, tratavam a existência do evento em si mesmo, muitas vezes de maneira isolada de aspectos importantes de seu contexto histórico, social, religioso e cultural. Desse modo, numa perspectiva positivista, em vez de pensar dialeticamente, os alunos acabavam por concluir de maneira apressada e reducionista que os homens primitivos tornaram-se homens sábios num passe de mágica.

A exposição dos fatos colocada desta forma, carrega em si outra ideia, a de que o homem atingiu já seu completo estado de desenvolvimento. Muitos são os exemplos que poderiam ser citados na discussão sobre os efeitos que os resultados de pesquisas realizadas pelo método positivista de Ciência refletem na escolha dos procedimentos pedagógicos utilizados no processo de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita na educação básica. Entretanto, neste ensaio deseja-se colocar no centro da discussão o movimento do pensamento humano nos processos de ler e de escrever, suas implicações em relação ao homem que ainda está em processo de transformação, como também os próprios suportes de escrita criados por ele. Não será feito aqui um percurso da história da evolução do homem, mas uma discussão singela, e alerta-se, desde já, sobre a incapacidade de serem visualizados os aspectos que constituem o todo do processo. O espaço permitido para este ensaio impede a apresentação de múltiplos aspectos do processo que se pretende discutir, mas é possível e, assim espera-se, que ao final do texto o leitor possa levantar reflexões intrigantes e suficientemente consistentes para buscar novas abordagens de estudo acerca do tema.

Ao inventar a escrita, o homem também inventou um modo de registrar a sua história. Considerar-se-á que a primeira mudança cultural não seria possível se antes dela não tivesse ocorrido uma mudança biológica fundamental: a extensão da parte do cérebro especializada em pensamento abstrato – “o córtex, sede de uma rede de centenas de milhares de células: os neurônios; cada neurônio religado, por sua vez, a mais de 10.000 outros. Em síntese, talvez a estrutura mais complexa do universo” (RICHAUDEAU, 1999, p. 9).³

Juntamente a esta nova estrutura, a base de uma outra rede, não mais biológica, mas mental também tomou lugar. A ligação dos neurônios em rede é formada também por ligações de dezenas de milhares de palavras diferentes, às quais estes neurônios estão engendrados, e que estabelecem relações entre as formas e os sentidos das palavras em combinações quase infinitas, entre elas, a produção de frases, de textos e de obras completas.

Nesta perspectiva, o presente texto discutirá a estrutura complexa da rede de pensamentos, ao considerar tanto sua base neurológica como sua base linguística, ambas responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem. Outro foco especial de atenção será dado às novas tecnologias da informação: como podem elas modificar estas relações, neurológicas e linguísticas, de nosso cérebro?

Leitura e tecnologia

Ler o famoso livro de Monteiro Lobato “A menina do narizinho arrebitado,” em dispositivos digitais móveis, mobiliza estruturas mentais diferentes de quando lemos a mesma obra no papel?

³ le cortex, siège d’un réseau de cent milliards de cellules: les neurones; chaque neurone relié parfois à plus de 10.000 autres. Bref, peut-être la structure la plus complexe de l’univers.

As editoras já investem em projetos de livros digitais interativos. As crianças de 2012 podem ler as mesmas histórias infantis que as da década de 1970 liam em folhas de papel, mas agora o texto se materializa em telas de computadores ou *tablets*. A diferença não está no texto, mas no suporte que o carrega, nos recursos que os aparelhos utilizam para colocar em cena o texto. A criança leitora de papel, de ontem e de hoje, imagina todos os barulhos e as imagens que a obra suscita, mas os livros digitais simulam barulhos ou ações do personagem para o leitor. Este fato provocaria mudanças na forma de pensar e de ler? Qual o ponto de vista das crianças sobre o ato de ler, sobre os espaços de leitura e os novos suportes de textos?

Embora este ensaio não tenha intenção de expor dados de pesquisa de campo, interrompo o discurso para relatar alguns dados coletados por uma pesquisa em andamento, cuja investigação está ligada a três pólos: um na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, outro no Instituto Francês de Educação, em Lyon, França e um outro na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília. Este projeto interdisciplinar tem como objetivo mapear as relações entre bibliotecas escolares, laboratórios de informática e dispositivos digitais no ensino fundamental com crianças entre 6 e 10 anos.

Dentre 45 alunos entrevistados escolhi uma amostra de cinco respostas à seguinte pergunta: Como você acha que deveria ser a biblioteca escolar?

FL - *Fala-se o nome do livro e ele aparecia, o livro.*

AC - *Poderia ter mais professores, mais livros, mais espaço.*

H - *Poderia ser maior, com mais livros e mais mesas para fazer leitura.*

PH - *Colocava mais livros, mais computadores, porque só tem um computador, aumentava o espaço.*

A - *Queria que fosse separada do refeitório e que durante o recreio pudesse ir na biblioteca para ler*

É possível perceber pelas respostas das crianças que o espaço de leitura ainda é rudimentar e, por vezes, confuso para encontrar o livro que se deseja ler. As crianças já percebem a falta das mídias digitais e queixam do pouco tempo que têm para frequentarem livremente a biblioteca. Onde estarão as crianças utilizando as novas mídias? É possível que conheçam textos clássicos publicados no papel somente pelos novos suportes interativos? As indagações são muitas, proponho que continuemos a refletir sobre outras questões teóricas para pensar estas questões práticas.

A fonte principal desta reflexão é a obra *Des neurones, des mots et des pixels (Neurônios, palavras e pixels)* de François Richaudeau, um importante pesquisador francês que, com sua contribuição, permite avançar os estudos, sobretudo no que se refere ao ato de ler e escrever. Esta obra é, sem dúvida alguma, um ponto de referência para todos aqueles que se debruçam sobre o tema da relação do homem com a linguagem escrita. Também não poderia deixar de ser citada a enorme contribuição de Bakhtin (1995) sobre o processo de constituição da linguagem.

O presente texto está dividido em duas partes. Na primeira serão abordadas as relações entre a natureza do pensamento e da linguagem, tendo como ponto de referência as obras de Richaudeau (1999) e de Bakhtin (1995). Na segunda, questionar-se-á, com base nos autores citados, aspectos dos impactos das tecnologias da informação e os modos de pensar dos homens do século XXI.

Relação entre a natureza do pensamento e da linguagem

Como já dito anteriormente, um discurso pode ser construído com a combinação de palavras diferentes, mas que produzem, ao interlocutor, o mesmo sentido, como nos exemplos seguintes:

Diante da refeição *posta à mesa, senti-me enauseada...*

Diante da refeição *servida, fiquei enjoada...*

Nos dois trechos marcados em itálico é possível perceber que as palavras utilizadas são diferentes, entretanto, produzem o mesmo sentido.

Quantas palavras podem dizer a mesma coisa, organizar o mesmo pensamento? Este é um pequeno exemplo de como o processo de enunciação pode ser complexo, mesmo o mais elementar enunciado.⁴ Richaudeau (1999, p. 21), por sua vez, entende que

a natureza profunda de meu espírito é: a base das palavras, essas unidades linguísticas associando cada uma, obrigatoriamente, uma “imagem acústica” (o significante) a um conceito (o significado). Ou será que ela é nome linguístico, libertado dessas palavras, composta de objetos mentais independentes ou entidades mentais semânticas, que podem ser posteriormente traduzidos em palavras, mas não necessariamente?⁵

Muitos são os filósofos e estudiosos (VALÉRY, 1973; CHANGEUX, 1983; BAKHTIN, 2003; VIGOTSKY, 2000; FOUCAULT, 2002) que já escreveram sobre a natureza da linguagem, e que trouxeram para essa área científica uma farta contribuição. Considerações diferentes apresentadas por estes estudiosos ajudaram a fomentar novas discussões a respeito do tema. Para alguns deles como Vigotsky (2000), Bakhtin (1995), Richaudeau (1999) o modo de pensar não é linear.

Segundo Richaudeau (1999), a natureza profunda do pensamento não é linear, mas, ao contrário, é base de um mosaico de redes cujos nós são objetos mentais portadores de sentido, notadamente palavras que se constituirão em frases também plenas de sentido. O funcionamento no âmago desta estrutura não é lógico-matemático, é menos racional e mais incerto, e faz emergir um raciocínio por analogia. Didaticamente, o autor divide o processo de constituição da frase, que é complexo e integrado, em três estados:

O estado 1. Uma rede semântica prelinguística, onde cada nó mental corresponde a uma entidade mental semântica.

O estado 2. Uma rede linguística, ou rede-frasal, em que cada nó mental corresponde a uma entidade mental linguística: uma palavra.

O estado 3. Uma linha: a sequência, a rede de nós, de palavras constituindo a frase linear (RICHAUDEAU, 1999, p. 23).⁶

Para ser objetivado, o pensamento deve ser materializado por elementos sucessivamente ligados como uma teia constituída de palavras, frases e parágrafos, ligados um após o outro no conjunto da estrutura, apesar de a linguagem escrita se materializar em um empilhamento de linhas em páginas, seja no papel ou na tela. Esta configuração permite fazer uma leitura linear, contínua e regular do começo ao fim do texto. Essa linearidade trazida pela confecção do material impresso no processo de comunicação, como um mecanismo de retroação, trará efeitos sobre o modo de pensar, e mascarará sua característica multidimensional. O pensamento expresso na frase não é a soma linear dos estados, mas alguma coisa nova, de natureza diferente. A natureza linguística das palavras não é a soma de letras do alfabeto porque atinge nível de complexidade superior: o resultado de um processo de integração.

Para Richaudeau (1999), o ocultamento deste processo multidimensional conduziu filósofos e estudiosos a focar o objeto de análise na aparência do fenômeno levando-os a erros de concepções ao tentar escrever sobre o que é a leitura e a escrita. É possível pensar dessa forma, ao se considerar

⁴ Optamos por usar a palavra *frase* ao utilizar o aporte teórico de Richaudeau (1999) e a palavra *enunciado* ao fazer referência ao quadro teórico apresentado por Bakhtin (1995).

⁵ la nature profonde de mon esprit est-elle: à base des mots, ces unités linguistiques associant chacune, obligatoirement, une “image acoustique” (le signifiant) à un concept (le signifié). Ou est-elle nom linguistique, affranchie de ces mots, composée d’objets mentaux indépendants ou entités mentales sémantiques, qui peuvent être ultérieurement traduits en mots, mais pas nécessairement?

⁶ Le stade 1. Un réseau sémantique prélinguistique, où chaque noeud mental correspond à une entité mentale sémantique; Le stade 2. Un réseau linguistique, ou réseau-phrase, dont chaque noeud mental correspond à une entité mentale linguistique: un mot; Le stade 3. Une ligne: la suite, le chapelet de noeuds, de mots constituant la phrase linéaire.

que o observador do fenômeno, ou do fato real, e que com ele se relaciona, é um indivíduo histórico que examina a realidade a partir de sua atividade com o meio e com os outros homens, tendo determinados interesses e objetivos no conjunto de relações sociais em que vive. O conceito de realidade é complexo e móvel e, segundo Kosik (1976, p. 10),

a realidade não se apresenta aos homens, à primeira vista, sob o aspecto de um objeto que cumpre intuir, analisar e compreender teoricamente, cujo pólo oposto e complementar seja justamente o abstrato sujeito cognoscente, que existe fora do mundo e apartado do mundo; apresenta-se como o campo em que se exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade. No trato prático-utilitário com as coisas – em que a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e esforços para satisfazer a estas – o indivíduo “em situação” cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade.

Além dos aspectos abordados por Richaudeau (1999) e Kosik (1976), também serão consideradas questões levantadas por Bakhtin (1995) sobre a natureza da linguagem para complementar esta discussão.

Para esse estudioso da linguagem, não se pode separar a linguagem de seu conteúdo ideológico ou vivencial, já que ela se constitui pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação, resultante do diálogo, seja de caráter oral ou escrito. O sentido do enunciado se dá pela compreensão ativa entre os sujeitos, ou seja, é o efeito da interação entre interlocutores. Para Bakhtin (1995), todo enunciado tem um destinatário, entendido como a segunda pessoa do diálogo. A atividade mental do sujeito e sua expressão exterior se constituem ao assumir os laços sociais como referência, portanto, toda enunciação é socialmente dirigida. É no fluxo da interação verbal que a palavra se transforma e ganha diferentes significados, de acordo com o contexto em que surge. O conceito-chave da concepção de linguagem em Bakhtin (1995) é a interação verbal, cuja realidade fundamental é o seu caráter dialógico. Para Bakhtin (1995, p. 108) a linguagem não pode ser vista como um sistema fechado, construído, acabado, porque se assim fosse não haveria espaço para as pessoas desenvolverem a si próprias e o mundo, porque

os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa operar [...] Os sujeitos não “adquirem” a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Por isso, a reflexão linguística bakhtiniana é uma abordagem histórica e viva da língua, incompatível com concepções que desconsideram a enunciação, e o contexto em que a linguagem ocorre, para apoiar-se somente na palavra ou nas orações isoladas, fechadas e monológicas.

A interação verbal é, portanto, conceito-chave na teoria de Bakhtin (1995) e para que isso possa ser melhor entendido é preciso que se reflita sobre seu caráter dialógico. Todo enunciado, vindo de um pensamento ou endereçado a outro, deve ser entendido como parte de um complexo amplo, aberto e sem fim que é parte do grande diálogo da vida. Não é possível encontrar a verdade no interior de uma única pessoa, mas apenas no processo de interação dialógica coletiva, porque o discurso verbal, fora do contexto social, perde sua significação. Quem compreende o discurso do outro é alguém cheio de palavras interiores que correspondem à significação das palavras proferidas pelo sujeito que fala, que em princípio são palavras interiores que se materializam e externalizam pela sonoridade ou pelas marcas deixadas no papel ou em outro suporte qualquer. Essa compreensão depende das condições de interação verbal dos sujeitos em comunicação. Segundo Jobim (1996, p. 109),

no processo de compreensão, a cada palavra do outro fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem nossas réplicas, mais profunda e real é a nossa compreensão. Compreender é, portanto, opor à palavra do locutor uma

contrapalavra. O sentido construído na compreensão ativa e responsiva é o traço da união entre os interlocutores. Para Bakhtin, o sentido de um enunciado não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor; o sentido do enunciado é, melhor dizendo, o efeito da interação do locutor e do receptor produzido por meio do material de um determinado complexo sonoro. [...] Só a interação verbal fornece à palavra a luz de sua significação.

Somente há real participação no diálogo quando há compreensão. Em decorrência disso, pode-se ressaltar um outro ponto importante da teoria de Bakhtin (2003): o papel do *outro*. Em uma relação dialógica, não se poderia deixar de pensar em um outro que participa da interação verbal, seja ele presente ou não, seja falante ou escritor, seja ouvinte ou leitor.

Na concepção de linguagem bakhtiniana, a palavra tem lugar privilegiado na comunicação, porque é no fluxo da interação verbal que a palavra se torna signo ideológico, se transforma e ganha significados diferentes de acordo com o contexto de utilização. Diante disso, apresenta-se o tema central deste texto: a *mobilidade específica da forma linguística*. Bakhtin (2003) usa essa expressão porque a idéia é a de que a palavra pode conciliar muitas significações diferentes. O autor usa o termo *polissemia* para nomear esse caráter móvel da palavra, por ela adquirir significações relativas ao contexto em que é empregada e por quem é utilizada. De acordo com Bakhtin (1995, p. 106),

o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais ela pode se inserir. Evidentemente, essa unicidade da palavra não é somente assegurada pela unicidade inerente a todas as significações. Como conciliar a polissemia da palavra com sua unicidade?

Bakhtin (1995; 2003) acredita em mobilidade infinita para a significação, por ter suporte o caráter polissêmico da palavra em seu contexto cultural e histórico. A palavra é elemento importante para a formação da consciência no indivíduo. Ora, se ela está permanentemente em movimento, também a formação da consciência humana está permanentemente em processo de construção e evolução.

Neste primeiro tópico, foram apresentadas duas grandes redes, a neurológica e a linguística, ambas de natureza complexa e inacabada, que se juntam na constituição do homem leitor e autor de discursos. Diante desta verdadeira teia de relações humanas que constitui a linguagem, resta o sentimento de impotência para compreender a totalidade do tema em discussão neste ensaio. Em contraposição, surge o desejo de decifrar tamanha incompreensão, o motor que move pesquisadores na área da linguagem. Até este momento, o objetivo foi o de dialogar com os leitores e levantar dúvidas e incertezas em relação a um processo que em sua aparência parece ser linear e estável.

O mundo virtual e seus modos de expressão

Não se pode, evidentemente, considerar os modos de leitura e de escrita independentemente do desenvolvimento técnico, econômico e cultural pelo quais os suportes passaram ao longo da história. Segundo Leclercq (1957 apud RICHAUDEAU, 1999), na Alta Idade Média os textos manuscritos eram escritos em *scriptura continua* sem espaços em branco entre as palavras e sem sinais de pontuação. Assim, o leitor deveria decifrar e articular cada sílaba e, por sorte, tomar o conhecimento do texto ao escutar sua própria voz. Essa forma de leitura oral era difícil, pois as mesmas letras podiam apresentar sons diferentes, de acordo com a origem linguística do leitor-falante-ouvinte.

Com o surgimento da *scriptura interrupta*, o espaço em branco que separa as palavras permitiu uma leitura essencialmente visual. Se pedirmos a um sujeito que leia em voz alta um texto e bruscamente apagarmos as luzes, ele pode, durante alguns segundos, pronunciar algumas outras

palavras daquela sequência. (SMITH, 1989). Este pequeno teste prova que o sujeito teria visto as palavras antes que a luz se apagasse. Do mesmo modo, para Richaudeau (1999), a leitura oral é apenas a repetição da leitura silenciosa, ou como o próprio autor a designa, leitura oralizada.

Desde a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg até os dias de hoje nada de fundamental mudou nas características de fabricação dos livros. Com o surgimento do computador ligado à internet anunciava-se a possibilidade de realizar mais facilmente as edições de textos colocados em páginas, as mais variadas e as mais complexas. Em pouco tempo a economia da comunicação por escrito e, conseqüentemente da leitura, passou sucessivamente por estados de produção. Vive-se atualmente um momento de consumo exacerbado do estado de abundância informática.

Muito se tem falado sobre o conceito de hipertexto colocado em circulação pela primeira vez por Ted Nelson. A ideia de hipertexto possibilitaria aos leitores uma viagem pelo interior do mosaico de informações artificiais, seguidas de associações infinitas graças a sua estrutura de rede, aberta, que permitiria acrescentar continuamente novas informações e novos percursos. Segundo Richaudeau (1999, p. 132), isso não passava de

Utopia em 1965 e ainda nos nossos dias. Com efeito, os programas de que dispomos atualmente estão longe de ter o poder necessário; e aqueles que nós nomeamos um pouco abusivamente de hipertextos permitem simplesmente a seus utilizadores (aluno, aprendiz, estudante, leitor de enciclopédia...) acessar informações no interior de uma rede previamente estabelecida pelo editor, com limites que não permitem todas as “viagens” desejáveis pelo leitor.⁷

Se compararmos a memória de um *software* à de um ser humano, este último não teria o poder colossal como de um *software*, nem “ a utópica memória universal” do hipertexto de Ted Nelson. A pesquisa na internet nem sempre é fácil. É necessário percorrer um caminho no interior de um emaranhado de informações e esperar pacientemente para obter os dados desejados. Assim, não se pode dizer que haja o contato direto, instantâneo e imaginado pelo mais alto conceito de hipertexto. Os nós eletrônicos da grande rede internet somam, contudo, um número limitado, e cada um entre eles, se comunica com um número limitado de outros nós que geralmente são do mesmo tema. Segundo Richaudeau (1999, p. 134), “a *internet* subsiste como um extraordinário viveiro de documentos... e por que não, um engenho lúdico de ajuda à criação.”⁸

Diante disso, a questão que se levanta é sempre a mesma: a internet é o hipertexto pensado por Ted Nelson, ou é apenas um rudimento de hipertexto de nossas enciclopédias atuais? A esta questão ainda não se pode responder. Entretanto, há um fato que poderia ser considerado como o ponto de referência para as mudanças na forma de pensar do homem do século XXI: a acoplagem entre as redes eletrônicas imperfeitas à rede mental, ambas de naturezas diferentes e, apesar de se considerar a segunda também imperfeita, é possível que ela se revele portadora da maior eficácia nas inovações e nas produções científicas e culturais.

No estado atual de superabundância de informação, ninguém tem tempo suficiente para ler todos os livros, revistas e jornais disponíveis, seja no papel ou na tela. Assim, tem início um novo modo de ser leitor, ao fazer pesquisa, com a prática do *zapping*, no seio do mosaico de informações, que provoca um verdadeiro diálogo com a rede internet e com os que por ela surfam.

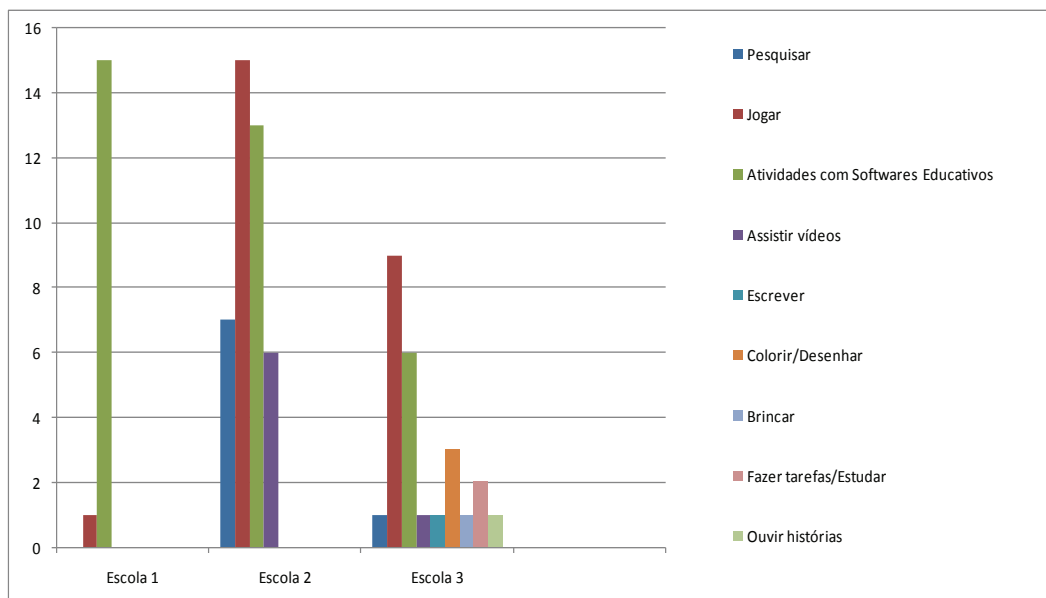
Novamente, faço referência a dados coletados na mesma pesquisa anteriormente citada. Serão apresentados a seguir dois gráficos, que representam respostas de 45 crianças de 3 escolas

⁷ Utopie en 1965: et encore de nos jours. En effet, les logiciels dont on dispose actuellement, sont loin d'avoir la puissance nécessaire; et ceux que l'on baptise un peu abusivement d'hyper textes, permettent simplement à leurs utilisateurs (élève, apprenti, étudiant, lecteur d'encyclopédie...) d'accéder à des informations à l'intérieur d'un réseau préalablement établi par l'éditeur; avec ses limites ne permettant pas tous les “voyages” désirables par le lecteur.

⁸ *Internet* reste un extraordinaire vivier documentaire... et pourquoi pas: un engin ludique d'aide à la création.

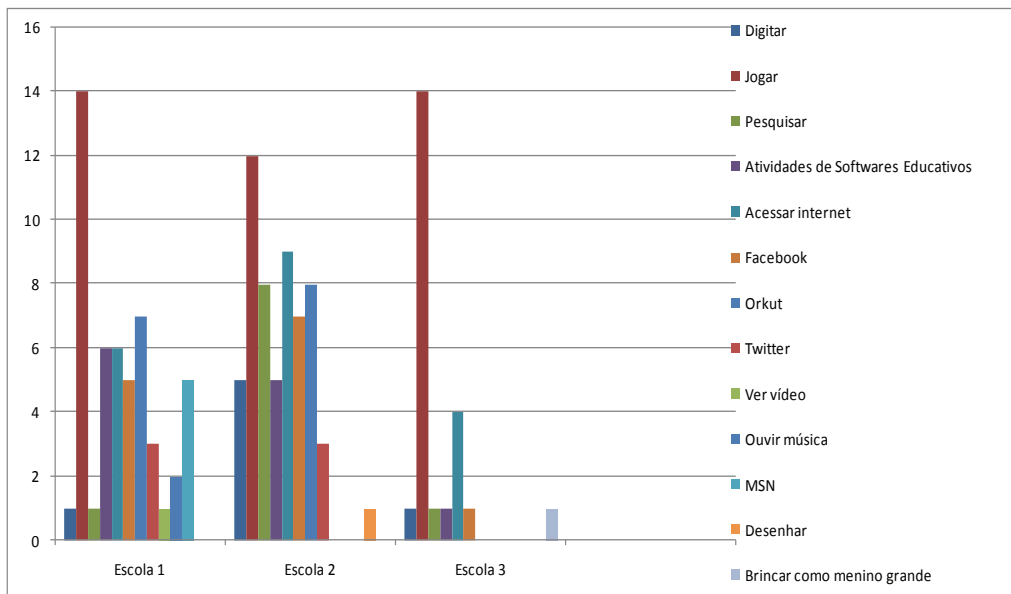
públicas do município de Uberlândia, um sobre as atividades desenvolvidas no computador pelos alunos a pedido do professor e outro sobre o que desejariam realizar quando utilizassem o computador livremente.

GRÁFICO 1 - Uso dos computadores na escola



Fonte: a autora.

GRÁFICO 2 - Atividades que gostariam de fazer ao usar o computador



Fonte: a autora.

Ao comparar os dois gráficos é possível perceber claramente que a escola transfere para o computador as atividades didáticas com grande ênfase nos softwares educativos, jogos e pesquisa. Entretanto, é preciso esclarecer que os sites sempre são previamente indicados para os alunos, muitas vezes já estão abertos na tela do computador quando os alunos chegam no laboratório. O aluno manipula o mouse, mas não compreende o sistema de busca.

Já o segundo gráfico demonstra o quanto as crianças já se apropriaram de alguns conhecimentos específicos e potencialidades do uso do computador, pois citam recursos que são comuns para os usuários da internet. Ao que parece para as escolas aqui citadas, a internet é apenas um rudimento de hipertexto de nossas enciclopédias atuais. O aluno ocupa dois lugares distintos como leitor e autor, o da escola com recursos limitados e o do mundo mais aberto de possibilidades.

Como já dito anteriormente há um imperialismo da crença do pensamento linear na realização da leitura e da escrita em relação a um de retroação (*feedback*) de fatores materiais históricos sobre os fatores mentais. Com relação à internet, pode-se entender que seu mecanismo funciona todos os dias, mas os dados de sua base não são os mesmos. A estrutura multidimensional do hiperterxto e da internet, a superabundância de informações a serem lidas, entre outros fatores, convergem sempre para uma retroação sobre as estruturas mentais de seus utilizadores. A rede mental humana também não é sempre a mesma, porque todos os dias ela se supera no diálogo com outros e com as novas informações, sensações e experiências diárias. A criatura modifica o criador e o criador modifica a criatura, num ciclo de constante movimento de evolução e de superação. Assim o próprio criador não consegue avaliar seu caráter positivo ou negativo, restando a única certeza de que esta relação será inevitável.

Diferentemente do que o tradicional positivismo tem pregado, o novo modo de ler e escrever que tem fomentado tantas discussões acadêmicas é a essência de nossa forma de ler desde os primeiros rudimentos da escrita, que por muito tempo ficou escondida pela linearidade do papel. Agora, o pensamento em rede começa a dar pistas de sua existência no fenômeno internet, porque está livre do curso da linearidade, da lógica tradicional, do cartesianismo. O homem torna-se mais consciente da complexidade e da relatividade das coisas.

Na história do desenvolvimento da imprensa, pode-se verificar que sua invenção era essencialmente quantitativa. Pela primeira vez, a forma de ler e de escrever na tela permitiu ao homem pensar em questões relativas, não apenas na quantidade de materiais divulgados, mas também na essência do ato de ler e de escrever. É de Richaudeau (1999, p. 136), a afirmação sobre o presente e o futuro:

Amanhã – hoje já – os textos serão difundidos por canais virtuais; eles serão lidos de múltiplas maneiras; cada um poderá ser ao mesmo tempo autor, impressor, editor; comportamentos mentais tanto os dos emissores quanto os dos receptores não serão mais os mesmos. Nós estamos vivendo uma revolução quantitativa e qualitativa: **uma mutação**. (grifos do autor).⁹

Desde McLuhan (1964), a morte do livro foi preconizada e os editores temiam que as técnicas audiovisuais substituíssem os livros, mas nada disso aconteceu. O mercado editorial continuou com a impressão convencional do manuscrito. As tecnologias convivem, embora os suportes evoluam: daqui para frente terá lugar a tela e a memória magnética, mas também sempre, embora sem exclusividade, o papel na impressora pessoal.

Segundo Richaudeau (1999), há sete princípios capitais para pensar a relação homem-internet:

1. Nós não pensamos em palavras, mas em objetos mentais, ou entidades mentais semânticas.

A passagem de um pensamento bruto multidimensional em rede, não-lógico, a uma frase linear

⁹ Demain – aujourd’hui déjà – les textes seront diffusés par des canaux virtuels; ils seront lus de multiples façon; chacun pourra être à la fois auteur, imprimeur, éditeur; des comportements mentaux tant des émetteurs que des récepteurs ne seront plus les mêmes. Nous sommes en train de vivre une révolution à la fois quantitative et qualitative: **une mutation**.

de palavras, coloca em ação vários estados complexos de operações mentais.

2. A linguagem escrita não é uma segunda versão da linguagem oral. As diferenças entre elas são consideráveis, por exemplo, o conceito de frase é frequentemente ausente na linguagem oral espontânea, pura. Mas, entre a linguagem oral e a linguagem escrita, existem várias formas intermediárias, cada uma com suas características.

3. Em numerosos casos, frases curtas se revelam menos legíveis que frases moderadamente longas. Esta preferência por construções suficientemente complexas, é observada até em crianças, fato que reforça esta tese.

4. Esta tendência do espírito humano por uma certa complexidade da linguagem se explica por um comportamento comum dos homens, a previsão. Ela conduz o receptor a antecipar parcialmente palavras ou estruturas que estão por vir.

5. Esta pulsão em favor de frases longas e complexas é freada, e mesmo contrariada, pelas características de nossa memória, mais particularmente de nossa memória a curto prazo.

6. Outros comportamentos de natureza bio-psicológicas intervêm no processo linguístico: a) *a integração* que assegura automaticamente a passagem do nível linguístico alfabético a níveis semânticos concentrados em hierarquias superiores do pensamento; b) *a lei do menor esforço* que permite economizar a energia de produção e de recepção linguísticas, origem do caráter polissêmico de nossa língua; c) *o processo de retroação* – ou *feedback* – que corrige uma interpretação de causalidade linear e simplista.

7. Este mecanismo de retroação tem notadamente uma influência das técnicas de produção sobre o pensamento.

A passagem do rolo à imprensa de Gutenberg, e em seguida da tela de McLuhan à internet, tem modificado e modificará sempre, não somente nos modos de emissão e de recepção linguística, mas mais profundamente os modos de pensar.

Conclusão

Três conclusões inconclusas, para obedecer à coerência deste ensaio, poderiam ser anunciadas a respeito do ato de ler e de suas relações com as tecnologias inventadas e reinventadas em tempo marcado por meses: a primeira refere-se ao estado inacabado e à natureza inacabável do homem e de suas criações histórico-culturais; a segunda vincula-se à instabilidade dos bancos de informações ininterruptamente construídos por um homem inconcluso; a terceira, a velha relação entre a aparência dos fenômenos e o desejo de apropriação de sua essência.

Começamos pela última que toca na aparência do ato cultural de ler e o mascaramento de sua essência. No ato de ler, espera-se que os homens compreendam o mundo por meio de um artefato antropológico milenar: a escrita. Na aparência, ao ensinar os segredos dessa tecnologia aos novos seres da espécie, os homens ensinam a ouvir as palavras sonorizadas, aparentemente aprisionadas pelas marcas gráficas, em sequência linear, uma após outra. O destaque dado à essência do ato de ler, em vez da aparência, anuncia o envelhecimento dos atos insistentemente lineares tomados como objeto de ensino, de um lado, e de outro, promove a explosão das possibilidades de conexões infinitas, apenas limitadas pelas intenções e conhecimentos inconclusos dos homens. Ao ler no papel, o homem usa a tecnologia da escrita; ao ler nas múltiplas telas, em múltiplos aparelhos, o homem continua a usar a escrita; tanto no papel quanto nas telas, a linearidade das palavras não impõe, na essência, a linearidade do modo de ler, mas, compreendido em sua aparência, continua

sendo imposto às crianças nos bancos escolares.

A segunda inconclusão amarra-se à primeira, em um *link* muito próximo, por reconhecer a volatilidade do conhecimento produzido pelo homem em virtude de sua insatisfação com a qualidade, funcionalidade e resultados de sua própria criação. De sua natureza inacabada são criados culturalmente os produtos e os conhecimentos inacabados, por isso mesmo reelaborados ininterruptamente. O homem, ao ler, leva o seu conhecimento inacabado e inacabável para sua relação com o outro, objetivado nos suportes que portam a escrita, em relações multidimensionais. O leitor é um homem que reconhece com maior intensidade a sua natureza inconclusa. Ler, na essência é encontrar-se com o outro pelos *links* infindáveis pelos enunciados ambíguos, porosos e de inimaginável plasticidade nas redes da mente humana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CHANGEUX, J. P. *L'homme neuronal*. Paris: Fayard, 1983.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JOBIM, S.; SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1996.

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LECLERCQ, J. *Initiation aux auteurs monastiques du Moyen Âge*. Paris: Le Cerf, 1957.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

RICHAUDEAU, F. *Des neurones des mots et des pixels*. Reillanne: Atelier Perrousseaux éditeur, 1999.

SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

VALÉRY, P. *Écrit en 1900 in Cahiers*. Paris: Gallimard, 1973.

VIGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Recebido em outubro de 2012.

Aprovado em janeiro de 2013.

